

Novos mundos, novas vozes

Fragmentos do Portugal pós-colonial¹

MICAELA RAMON
(Universidade do Minho)

Riepilogo

Con l'avvento della democrazia e la conseguente disgregazione dell'impero coloniale d'oltremare, il Portogallo si vide coinvolto in un processo di profonde trasformazioni sociali, per la comprensione delle quali non costituisce fattore irrilevante l'afflusso di comunità emigranti provenienti dai paesi africani d'espressione portoghese.

Lo stabilirsi di queste comunità nel piccolo paese che un tempo era stato la testa dell'impero venne a convertire la società portoghese in una società multi-razziale e multiculturale, rendendola più vicina alla realtà di vari altri paesi europei con cui condivide problemi comuni, una dinamica questa a cui il discorso letterario non è stato estraneo.

In questo articolo, prendiamo come punto di partenza l'ultimo romanzo di Lídia Jorge – *O Vento Assobiando nas Gruas – (Il Vento che Fischia nelle Gru)*, in cui l'autrice riflette proprio sulla problematica dell'integrazione/accettazione delle minoranze africane in Portogallo, costruendo un universo di finzione articolato in due mondi distinti, entrambi marcati da modi di vedere, di sentire e d'agire di donne attorno alle quali si costruisce la storia, e attraverso essa, rappresentazioni del reale, che ci sono servite da base per riflessioni sul concetto del nuovo Portogallo post-coloniale.

Nel complesso, cerchiamo di dimostrare come questo romanzo chiosi temi cari alla narrativa di Lídia Jorge, quali: le mutazioni socioculturali operate in una contemporaneità marcata dall'ansia (a volte sfrenata) di modernizzazione

¹ Este texto foi apresentado no Congresso Internacional «I Dialetti della tribù», realizado entre 15 e 17 de Setembro de 2005, na Università degli Studi di Firenze, em Florença, Itália. A sua tradução para italiano foi realizada por Emanuele Ducrochi a quem muito agradeço a disponibilidade e o empenho demonstrados.

e progresso, ma anche dall'afflusso di comunità di emigranti provenienti dalla disgregazione dell'impero; i conflitti culturali che ne derivano; i tentativi d'adattamento alle nuove realtà; l'umiliazione e l'alienazione come causa e conseguenza di situazioni estreme.

1. Desde que em 25 de Abril de 1974 a «Revolução dos Cravos» pôs fim a um longo período de ditadura e a democracia tomou o lugar do anterior sistema político, Portugal, país periférico da Europa, mas com uma situação geográfica privilegiada tanto pela sua proximidade ao continente africano, quanto pelo facto de o seu território constituir uma plataforma de acesso à América, tem vivido um processo de profundas transformações, as quais se fazem repercutir em múltiplos aspectos, desde o plano político-económico ao sócio-cultural, não excluindo nenhum dos matizes que os pares referenciados podem comportar.

Essas transformações são consequência directa de um conjunto complexo de factores de entre os quais cabe destacar, por um lado, a desagregação do império colonial ultramarino e o subsequente afluxo de cidadãos provenientes das ex-colónias à metrópole e, por outro, a adesão de Portugal à então designada Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, doze anos volvidos sobre a Revolução. Ambos os fenómenos concorreram de forma decisiva, embora cada um a seu modo, para promover a alteração radical da imagem de Portugal como pequeno país fechado ao exterior e retrógrado, de matriz essencialmente rural, habitado por um povo com consciência secular da sua identidade e unido por uma mesma língua e cultura.

Uma tal imagem, tradicional e dotada de um acentuado grau de estabilidade, foi sendo progressivamente modificada, em primeiro lugar, na sequência da fixação das comunidades emigrantes que demandaram Portugal provindas dos países africanos de expressão portuguesa; depois, por acção directa da criação desse espaço que se quer aberto à livre circulação de pessoas, de bens, de ideias, de políticas e de formas de organização social comuns, propiciada pela potencial federalização do espaço europeu. Daqui resultou, como efeito hoje evidente, a conversão da sociedade portuguesa numa sociedade multi-étnica, multicultural e com orientação globalizante, que dessa forma se aproxima da realidade de vários outros países europeus com os quais partilha problemas comuns.

Dentre o vasto leque de problemas que emergiram desta nova realidade, vivida em Portugal como um pouco por toda a Europa,

destacam-se aqueles que se prendem com a reorganização dos diferentes grupos sociais que constituem hoje um complexo mosaico, relativamente ao qual quanto mais se acentua o seu carácter múltiplo e diverso, mais importante se torna identificar marcas inequívocas de identidade.

A dimensão da problemática exposta, pela sua grandeza e complexidade, não poderia deixar de se fazer repercutir no discurso literário, sendo este, como é, propício a reflectir e a projectar tudo aquilo que no Homem é humano. É assim que, no actual panorama literário português, vários são os autores cujas obras exploram filões conectados com estas temáticas, contribuindo dessa forma para a construção da representação simbólica de um Portugal pós-colonial e pró-europeísta.

2. Lídia Jorge, uma das vozes literárias portuguesas da actualidade mais unanimemente reconhecida pela crítica e pelos leitores, não só em Portugal como em diversos outros países europeus e não europeus, inclui-se neste grupo de escritores.

A autora, nascida em Boliqueime (Algarve), em 1946, iniciou a sua carreira literária em 1980, com a publicação do romance intitulado ***O Dia dos Prodígios***, no qual constrói uma alegoria do país fechado e pouco desenvolvido que era Portugal antes do «25 de Abril». Esta obra inaugural valeu-lhe de imediato o reconhecimento da crítica e do público e deu início a um ciclo criativo que tem vindo a gerar obras que, embora apresentando uma grande variedade temática, se debruçam sempre sobre matérias ligadas com os problemas colectivos do povo português e com as circunstâncias históricas das mudanças da sociedade nacional após a Revolução, servindo assim de ponto de partida para uma reflexão sobre a identidade cultural portuguesa.

O catálogo das suas publicações de ficção abrange géneros como o romance (***O Dia dos Prodígios***, 1980; ***O Cais das Merendas***, 1982; ***Notícias da Cidade Silvestre***, 1984; ***A Costa dos Murmúrios***, 1988; ***A Última Dona***, 1992; ***O Jardim sem Limites***, 1995; ***O Vale da Paixão***, 1998; e ***O Vento Assobiando nas Gruas***, 2002), o conto (***A Instrumentalina***, 1992; ***Marido e outros contos***, 1997 e ***O Belo Adormecido***, 2004) e o teatro (***A Maçon***, 1997), estando a sua obra traduzida em mais de meia dezena de línguas, dentre as quais o italiano (***La costa dei sussuri***, Florença: Giunti, 1993 e ***L'Eredità dell'assente***, Milão: Editore Bompiani, 2003, ambos com tradução de Rita Desti). A autora foi várias vezes galardoada com alguns dos mais importantes prémios literários nacionais e internacionais, como sejam

o Prémio Literário do Município de Lisboa, o Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa, o Prémio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus, o Prémio Máxima de Literatura, o Prémio de Ficção do P.E.N Clube e o Prémio Jean Monnet de Literatura Europeia.

O seu mais recente romance – *O Vento Assobiando nas Gruas*² – foi distinguido com uma série de prémios, dentre os quais avultam o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e o 1.º Prémio Correntes d’Escritas, instituído pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, responsável pela organização e realização anual de um Encontro de Escritores de Expressão Ibérica que, durante uma semana, congrega apreciável número de escritores de línguas ibéricas chamando a atenção de um vasto público de especialistas e amantes das letras e das línguas.

3. Em *O Vento Assobiando nas Gruas*, Lúcia Jorge reflecte precisamente sobre a problemática das transformações sociais operadas no Portugal contemporâneo, dando especial relevo à questão da integração/aceitação cultural das minorias africanas. Paralelamente, desenvolve outros temas caros à sua ficção como sejam: as mutações socioculturais operadas numa contemporaneidade marcada pela ânsia (por vezes desenfreada) de modernidade e de progresso; os choques culturais resultantes do confronto do país rural de outrora com as novas formas de vida de configuração predominantemente urbana, individualista e anti-tradicional; os esforços dos diferentes grupos de inadaptados ou de excluídos para se conformarem com as novas realidades; a humilhação e a alienação como causa e consequência de situações-limite a pedirem respostas extremas.

A intriga do romance centra-se numa personagem feminina, Milene Leandro, uma jovem oriunda de uma família tradicional da burguesia algarvia, endinheirada e poderosa, a qual, na sequência da trágica morte da avó com quem vivia, encontra conforto e protecção junto de uma numerosa família cabo-verdiana a viver nas instalações alugadas de uma antiga fábrica de conservas pertencente à sua família. A rapariga acaba por se apaixonar por um membro jovem dessa família de emigrantes e com ele viver uma história de amor intensa que levará o leitor a reflectir sobre os preconceitos racionais e sobre a forma

² JORGE, Lúcia (2003), *O Vento Assobiando nas Gruas*, Lisboa: Círculo de Leitores. Todas as citações posteriores referentes ao livro seguirão esta edição e referi-lo-ão por meio da sigla VAG.

como os Portugueses de brandos costumes reagem, afinal, à diferença; cumulativamente, o leitor não deixará também de ser convidado a pensar sobre o modo como as sociedades modernas, individualistas e calculistas, potenciam atitudes déspotas e desprovidas de escrúpulos e, como tal, desumanas.

Todo o romance se constrói tendo por base um jogo de oposições através do qual o leitor é confrontado com dois mundos distintos a coabitarem no mesmo espaço-tempo da contemporaneidade. Por um lado, surge a família Leandro constituída por um grupo de poderosos deste mundo. Dela fazem parte a «Avó Regina», a matriarca baluarte dos velhos valores da honra e da dignidade³; dela fazem parte também o «tio Rui Ludovice» e o «tio Dom. Silvestre», ambos casados com filhas da matriarca e representantes, respectivamente, do poder político e do poder económico, e ainda o «tio Afonso Leandro», advogado e cunhado dos dois primeiros. Todos tipificam personagens corruptas, ambiciosas e dadas a demagogias.

Do outro lado do tabuleiro social encontra-se a família Mata, verdadeiro clã composto por uma vintena de emigrantes oriundos de Cabo Verde, domésticas ou empregadas de caixa, elas; eles empregados da construção civil; e todos, sem exceção, orgulhosos de um dos membros mais novos da tribo – Janina Mata King, o cantor – em cuja voz ecoa a voz de todos os seus antepassados homens⁴.

Para além destes dois grupos, aparentemente colocados nos antípodas da hierarquia social, perfila-se um outro vasto conjunto de indivíduos, os moradores no Bairro dos Espelhos, todos eles também emigrantes provindos «de terras inscritas na faixa marítima do Sahel, pedaços desgarrados de África» (VAG, p. 40). Ao contrário da família Mata, todavia, estes simbolizam a verdadeira exclusão, protagonizada

³ A descrição desta personagem, logo nos primeiros capítulos do romance, acentua estas características: «Aí a avó Regina tinha permanecido estática. Toda a família, estática, como se disposta a ser lapidada sem se mover. Era isso a dignidade. Os tacões de cunha da avó Regina unidos um contra o outro, como se fosse um general. Os lábios cerrados como se cosidos, as pálpebras altas ainda mais altas» (VAG, p. 67).

⁴ Ana Mata, a avó que simbolicamente comanda a tribo dos emigrantes, diz isso mesmo ao expressar a sua felicidade pelo sucesso do neto: «O que queres? Já o meu pai, como tu sabes, tinha aquela voz, os meus irmãos tinham aquela voz, os meus dois filhos homens, todos eles tiveram aquela voz. Já todos desapareceram, e agora a voz deles, todos juntos está na garganta do meu neto Janina... Janina ressuscitou todos eles. (...) Quando o Janina canta, canta toda a minha família homem. Assim que ele começa a afinar, todo o homem da minha família se põe a cantar com ele» (VAG, pp. 44-45).

pela horda daqueles que não se conseguem aculturar por falta de capacidade de absorção e de integração dos valores e dos padrões da sociedade de acolhimento, caracterizada pelo consumismo desenfreado e pela voracidade do progresso.

Os moradores do Bairro dos Espelhos habitam um bairro de lata, construído por eles a partir do aproveitamento dos desperdícios de uma sociedade que os marginaliza pela sua incapacidade de ostentar a posse simbólica de bens que lhes abram a porta do mundo fora do gueto. Pelo contrário, a família Mata conquistara o direito de abandonar o Bairro dos Espelhos, dispondo de um lugar para viver com «seis janelas, seis, calafetadas e pintadas, a respectiva parcela de telhado e algumas empenas dos antigos pavilhões, no meio da restante Fábrica de Conservas Leandro, [que] eram a sua casa. A casa dos Mata. À qual eles mesmos haviam acrescentado os cómodos necessários» (VAG, p. 47); para além disso, nesta casa não falta a água, esse bem precioso para todos quantos provêm dessas «ilhas atlânticas que desde a última glaciação haviam expulso as chuvas e engolido os rios, tendo sobejado para sua lembrança umas quantas ribeiras, descomandadas durante uns dias, e logo secas durante anos inteiros» (VAG, p. 40).

A singularidade da família Mata, a meio caminho entre a casta dos que encarnam os valores típicos das sociedades europeias e aqueles outros que prefiguram o numeroso bando de desprotegidos a braços com um problema de exclusão social e cultural, resulta também da forma como essa família enfrenta o processo de adaptação à comunidade portuguesa. Não podendo resistir à sedução dos mecanismos instalados pelo grupo dominante, deixa-se colonizar culturalmente, sucumbindo à tentação do acumular de bens e da ostentação como marca sancionadora da sua legitimidade social⁵. No entanto, se no plano estritamente material esta colonização é evidente, nos planos moral e relacional a família não deixa de cultivar hábitos que relevam

⁵ São múltiplas as passagens do romance em que tal estratégia surge documentada. Cite-se, a título de exemplo, a seguinte: «Uns atrás dos outros, desentalavam-se das grandes caixas que continham o mundo da técnica, da electrónica e da informática, do mais moderno e do mais condensado. Objectos que vinham da Coreia, do Japão, dos Estados Unidos da América, nem se sabia de onde vinham. (...) Do interior das carrinhas saíam fogões, assadores, berbequins, aspiradores, televisores, jogos *Nintendo* e *Game-Boy* para as crianças, objectos de música para gente de todas as idades, acompanhados de seus processos mágicos. E os Mata ali estavam a fazê-los descer, uns atrás dos outros, com a alma cheia de alegria, falando alto» (VAG, p. 47).

das suas raízes culturais profundas, marcando assim uma diferença, pela positiva, em relação ao super-estrato social dominante⁶.

Paralelamente, se é certo que os elementos mais novos da família assumem formas de pensamento e comportamentos perfeitamente consentâneos com os hábitos da sociedade de acolhimento⁷, não é menos verdade que para os anciãos a adaptação é muito mais imperfeita, fruto da resistência e da vontade de preservar as suas marcas identitárias específicas⁸.

São talvez todos estes traços de pertença a um grupo étnico com uma cultura e uma representação identitária próprias que justificam a reacção de estranhamento manifestada pelo clã Mata em relação à intrusa Milene Leandro. O primeiro encontro do grupo com a rapariga branca acentua a forma como a heterogeneidade rática é estranhada também pela minoria étnica o que, em última análise, põe em destaque a evidência de que os comportamentos racistas não são apanágio exclusivo de nenhum grupo social em particular, antes se manifestam como reacção primária, por vezes involuntária, perante a diferença e o inabitual⁹.

⁶ Atente-se na forma como tal diferença é explorada e vangloriada: «E Milene, precipitando-se de novo sobre as palavras, repetiu a mesma história (...) Referindo o que havia acontecido sem tempo nem espaço, invocando a ausência das pessoas da sua família espalhadas por diferentes estâncias turísticas da Terra, e o receio que tinha delas quando fosse do seu regresso. E a eles parecia que ela falava não de uma realidade, mas dum sonho dormido, e por isso todos se sentiam, ao ouvi-la, estranhamente fora do mundo, da coerência e das próprias leis da vida» (VAG, pp. 57-58). E, mais adiante: «Não, não, a rapariga não volta para casa sozinha. Aqui mora gente cristã, entende você, senhor jardineiro? Ela bem quer, mas a gente não vai deixar a rapariga voltar sem companhia para casa da avó depois dum choque deste tamanho... Sabe, jardineiro português, aqui mora gente Mata, cabo-verdiano badio di pé ratchado, gente com coração e vergonha na cara...» (VAG, p. 93).

⁷ Veja-se, como ilustração do que é dito, o comentário da narradora a propósito da relação dos indivíduos com a água: «Os mais novos adaptavam-se, deixavam de pensar no assunto, achavam que água era água, boa para beber ou desperdiçar, tão natural como os actos da respiração, mas para os mais velhos era diferente. Sempre que se rodava o manípulo e saía água, sabiam que estavam a abrir a foz de um rio, o leito duma constante ribeira – Pelo menos era assim que pensavam as mulheres mais velhas da família Mata» (VAG, p. 40).

⁸ Sendo a língua um dos factores mais fortes de demarcação e preservação da identidade de um povo, o facto de as mulheres velhas da comunidade africana falarem sempre em crioulo entre si é um poderoso indicador da sua tenacidade em não esquecer as origens.

⁹ Na descrição do primeiro encontro entre a família Mata e Milene, esta última é alvo de uma apreciação altamente depreciativa, manifestada através do processo de

Do lado oposto, a família Leandro vê os cabo-verdianos Mata através dos estereótipos normalmente associados aos indivíduos de raça negra. Do alto da sua sobrançeria de descendente de colonizadores, Afonso Leandro considera-os «um bando de pessoas lentas, pessoas sem noção do alheio, longe das horas do relógio e dos dias do calendário. Pessoas que vinham dum outro mundo, duma outra era. Pessoas que não sabiam fazer mais nada para além de amassar cimento e colocar tijolo sobre tijolo, actos primitivos anteriores à civilização» (VAG, p. 263) e que guardavam a noite «para dançar e fazer filhos» (idem, *ibidem*).

Esta irreduzibilidade ou inconciliabilidade de pontos de vista tem implicações que se repercutem quer num plano estritamente individual, quer num plano económico-social.

Assim, a primeira consequência desta incapacidade de aceitação do outro, destes juízos prévios que escondem o indivíduo por detrás da capa do preconceito, faz-se notar, num plano intimista, na própria relação amorosa que liga Milene Leandro a Antonino Mata. Sob a aparência de normalidade da relação que, do ponto de vista afectivo, nada tem de extraordinário¹⁰, ferve a consciência do preconceito que impede os amantes de assumirem publicamente o seu namoro, desejando ser invisíveis para assim o poderem fazer¹¹.

«coisificação» e de «animalização» a que a perspectiva dos Mata a reduz: «No meio do estendal, meio encoberta pelos lençóis, que a mulher de Heitor ainda segurava ao alto, incapaz de descer os braços, encontrava-se, sentada numa cadeira, **uma rapariga branca**. (...) O cómico era **aquela coisa intrusa** que ali estava, **aquela coisa esbranquiçada**, dobrada sobre si mesma, de olhos espantados e lábios entreabertos, a sorrir ou a rir mesmo (...) **A coisa**, sentada na cadeira de plástico, com um saco a tiracolo ajoujado sobre os joelhos redondos, muito unidos, o pescoço estreito muito estreito, os cabelos curtos muito despenteados, a olhar para os Mata (...) que a olhavam como se fosse **uma larva** a quem quisessem expulsar com o piparote de um dedo» (VAG, pp. 50-52, destacados nossos).

¹⁰ A narradora reitera enfaticamente essa normalidade, dizendo: «Era o início dum amor comum. (...) Era um amor normal, um amor indizível. (...) Um namoro normal» (VAG, pp. 270-273).

¹¹ Antonino é quem mais verbaliza esse desejo, demonstrando ter consciência dos problemas a que ambos se expõem: «‘Se fôssemos invisíveis’... Pois se fôssemos invisíveis, agora mesmo íamos ao Mãos Largas jantar. Arrumávamos os carros ali em frente e ninguém nos via, entrávamos lá dentro, sentávamo-nos à mesa e ninguém nos via. Nem a minha família, nem a tua, nem ninguém (...) Milene fechava os olhos. (...) Ele próprio lhe abria as pálpebras – ‘Muito perigoso, Milene, muito perigoso ficarmos aqui. Não é por nada, mas já vi muitos filmes como este. Terminam todos mal. Devíamos parar’» (VAG, pp. 272-273).

Por outro lado, é ainda o preconceito que está na origem da forma como os Leandro desprezam os Mata, ao ponto de obliterarem a sua condição humana quando o que está em causa é o lucro obtível através da transformação acelerada da terra, motivada pelo instinto selvagem de progresso e de modernidade. No momento em que se põe a hipótese de a *Fábrica de Conservas Leandro*, habitação dos cabo-verdianos, ser vendida a uma multinacional holandesa para se ver metamorfoseada numa «urbanização chamada ‘Cidade das Palmas’, cujo *spot* publicitário seria *Aqui o oceano depôs as suas armas*» (VAG, p. 266), os poderosos homens brancos não hesitam em passar por cima de todo e qualquer direito ou expectativa legítima dos inquilinos pretos¹².

Do mesmo modo, também não se coíbem de exercer a sua autoridade despótica (ainda que encapuçada pela hipocrisia) sobre a própria sobrinha, mutilando-a para assim a impedirem de gerar descendência mestiça com a qual tivessem que repartir a herança deixada por Regina Leandro¹³. E se, no termo do romance, tem finalmente lugar uma cerimónia de casamento entre Milene e Antonino, com as duas famílias lado a lado, aparentemente a partilharem o mesmo momento de felicidade, fica implícito nas entrelinhas que tal é apenas possível porque essa aparência de aceitação da diferença e de minimização de preconceitos rácicos e inter-classistas é útil à imagem política de Rui Ludovice, o Presidente da Câmara de Valmares que comparece ao enlace de «gravata vermelha em fato azul-escuro, como a de qualquer político desde que existe a hora televisiva» (VAG, p. 460).

¹² Dom. Silvestre e Afonso Leandro manifestam total insensibilidade perante o problema humano dos que seriam desalojados para que eles pudessem obter a sua mais-valia imobiliária: «Mas o tio Dom. tinha achado por bem tentar explicar que se tratava de um empréstimo, um empréstimo passageiro, e que não se impressionasse o Sr. Van de Berg com o facto porque **eram apenas umas pessoas da terceira vaga**» (VAG, p. 246). E, mais adiante: «É que **aquela gente da terceira vaga** podia sair dali já amanhã» (VAG, p. 265). Destacados nossos.

¹³ Os termos usados pela autora para criar o suposto diálogo familiar em que o assunto da mutilação de Milene é abordado são particularmente cruéis, reproduzindo fielmente o grotesco da situação: «‘Vamos lá a ver. Então como se iria saber duma coisa dessas? Se a rapariga era ou não infértil?’ – O tio Dom. Silvestre à espera de resposta. (...) Ângela Margarida levá-la-ia à clínica? Faria lá exames? Porque falava ela disso? (...) Mas Afonso avançou para ela. (...) Ele estendeu-lhe o dedo acusador – ‘Escuta, Ângela Margarida – Tu capaste-a. Capaste ou não capaste? Tu capaste-a’» (VAG, pp. 432-435).

4. Numa entrevista publicada on-line, no site www.oninet.pt, Lídia Jorge, quando inquirida sobre os propósitos com que escreveu *O Vento Assobiando nas Gruas*, afirmava o seguinte:

«A questão do racismo não assumiu um aspecto absolutamente prioritário enquanto escrevia. (...) A situação do racismo acabou por assumir um papel que eu, a princípio, não tinha gizado. (...) A sociedade portuguesa tem um muito bom conceito de si própria, desse ponto de vista, e julga que não existe racismo, que somos de formação cristã, basicamente católicos e muito propensos a aceitar o outro. Mas é muito mais uma situação de superfície do que uma situação interna. E porque me parece que é assim, por esse lado o livro não falseia a mediania sociológica que caracteriza Portugal, ainda que eu sublinhe que a Literatura tem sempre outras intenções.»

De facto, este longo romance de quase 500 páginas, não se esgota na abordagem do tema do racismo. Nele a autora traça um quadro bastante completo do Portugal contemporâneo, entrelaçando a história de dois jovens e das suas famílias, pertencentes a universos aparentemente irreconciliáveis, com temáticas de natureza social cuja pertinência e actualidade são indiscutíveis.

Este é um livro sobre o nosso tempo e sobre as mudanças rápidas ocorridas neste nosso mundo. É um romance que confronta o leitor com um novo Portugal multicultural e multi-étnico, onde as diferenças emergentes vêm perturbar velhas ordens e pôr em causa a nossa capacidade de aceitar os traços de distinção e de estranhamento que toda a mudança implica. Esta é, em suma, uma obra onde tudo – trama narrativa, desenho de personagens e de ambientes, temáticas dominantes – se conjuga para servir o objectivo de fazer reflectir sobre a identidade portuguesa neste tempo de globalização.